



120  
LIVRARIAS MODERNA  
Tomás Tomarino  
RUA PINHO SALLIS N. 91  
SANTANA

CALDO BERDE

# FURNANDES ALBARALHÃO \*

Quibaleiro da Ordem 3.<sup>a</sup> da P'nitencia — 2.<sup>o</sup> Sicretario da Guarda  
Nucturna de Vraga — P'risidente rimido da Rial Suciedade dos  
Phutographos de Lisvôa — Socio du Basco

Cundicurado com as siguintes incummendas:

Istrella de seis vicos du Alemtejo  
Midalha doirada da Ixposição Nacionále de 1908  
Grã cruz de páo inbirnisado do Porto  
e muitas Minções Hunrosas

14 JAN 1975

## CALDO BERDE

2.<sup>a</sup> indiçãõ

(Carrigada nu intulho)



DEBES	
N <sup>o</sup> .....	
Est.	Prat.

EDIÇÃO DA REAL TIPOGRAFIA LUZITANA  
Largo do Calhariz, 44 (Rez do Chão)  
LISBÔA

## OVRAS DU MÂSMO AUTÔRE

### HISTORIA

Historia da flusufia em Macau. — 18 b'lumes.  
Influencia du sixtante nu discuvrimento du Vrazil.—6 tuminhos  
Historia da varatinha. — Milhurada, com capa dura.

### PUISIA

Trumentos de uma iálma em frangalhos.—Puema urthuphónico

### HYDRAULICA

Influencia du João Grabe na óvra du Bultére. — 2 b'lumes.  
U tirrimoto de Lisvôa i u Canal de Panamá.—Isgutado  
Manual du favricante de savão i accissorios.—Índa não sâi  
si dou a luz a isso.

### M'DICINA

Prufilaxia e laparoto-mia da indumentaria lusa.—1 b'lume  
grosso e pisado.  
U estambago, u cutubello i as sunvrancelhas.—Istudo  
cumparatibo.  
Trilugia du arrôto. — in-fólio.

### CUNF'RENCIAS

Sáim a crioula, u que siria de nós!... (1896)  
Chulé não é duença! E' da p'ssôa! (1904)  
Pulsibâijo só châira dispois de amassado! (Em preparo)

## DUDICATORIA

*A' inlustre e imminente pissoa  
do grande vraziláiro*

*ANTONIO TORRES*

*u anjo prutitôre da culónia  
uff'reço esta ipupéa em que bivra  
u meu páito de bate!!...*

*U AUTÔRE*

## PRULOGO

Todo isforço litt'rario é a cunsi-quancia logica de um disduvramento anachronico e transatlantico. — Affonso Costa.

Eu, Furnandes Albaralhão, d'urigem minhota, curneta du infantiria dizasete e sigundo sicretario da Garda Nuturna de Vraga, dou á luz este libro!

A' primâira bista essa diclaração catigórica e dugmatica puderá pristar-se a intripitações de que-racter pirnicioso, mas só um isprito intribado, quer dizêre, que bibe nas trébas, não savirá u qui é que significa uma pissoa dare a luz a um libro! Hão de pinsare que se trata de uma mulhere, etc., mas não! Visulutamente, não!

Toda pissoa que escrebe e puvlica uma ovra, seja ella qual fôre, tambem dá a luz! (1) A diff'rença que ha entre nós, us autores, e as mulheres, é que ellas, cando acuntece esse accidente, ficam ar-

---

(1) — E' preciso não cunfundire maternidade com puvlicidade.

riculhidas ao lâito e passam a canja de guellinha. Nós, os autores, não vuvemos canja, námim nus ariculhemos ao lâito. P'lu cuntrario! Bamos para as abinidas da cidade ixpôre as nossas quericaturas e ruçuvermos os cumprimentos das pissoas que nus cunhecem:

— Paravens!... Li u teu libro i gustâi muito!...

A gente fica logo inchada... Oitra pissoa apparece, logo a siguire, e prinuncia ixactamente a mesma euphrasia:

— Paravens!... Li u teu libro i gustâi muito!...

E assim u dia todo. Para us ispritos indipidentes, dimucraticos ou finianos, isso é a milhóre ricumpensa que uma pissoa pode quirêre.

\*  
\* \* \*

Passando a oitro assumpto, antes que u prisado lâitore cuméce a principiare a lêre u que purahi bae, debo diclarar-lhe que este libro, incarando váim, é de uma nicissidade physiologica bultuósa!

Nas lettras naciunaes habia um bácuo!

Este libro surgiu!

Não ha mais bácuo!

Eu sou um cuntinuaadôre das ovras du Quemões, du Questilho, du Hirculano e d'oitros iscripturarios. Uma pissoa de certo rilebo affirmou-o e eu, mudestamente, cuncurdâi!

Primâiro eu disse que não! (Não ficaba vem cuncurdâre immidiatamente). Mas, dispois, insis-tiram... eu fui cidendo... cidendo dibagarinho... D'ahi a vucadinho, foi sopa! Acavei dizendo que sim, que era mâsmo, e cáim dissére, agóra, que não, eu faço uma istrallada que náim câiram sa-vêre! Que diavo! Isto é p'ra cáim póde! Talento é talento! Cáim não táim cumpitencia não se ista-vulece! (1)

E sinão, bejam. As parodias do meu libro são bisibelmente sup'riores ás cumpusições uriginaes. Sáim eu quirêre, milhurâi puisias célvres com a minha bérbia sidintaria e incurruptibel! U laitôre berá *de bizu'* a biracidade inbulnerabel das minhas affirmatibações! Que diavo! Isso de uma pissoa sêre intulligente, bem de nascencia. Eu nasei as-sim, está acavado!

Não prusigo, nem ha nucissidade!

Este prulôgo já bae attingindo as culminancias de uma birdadâira himurrhagia litt'rararia. U lâitôre que mi relêbe a franqueza.

---

(1) — Fral Luiz de Solza

FURNANDES ALBARALHÃO

---

Inzamine a minha óvra á buntade do corpo e pirdoe-me alguma má palabra. E' naturale! Em trabalhos de fôl'go assim como este, escapam sempre algumas vistâiras. . . Si se dére este caso, póde ficare savendo desde já que a culpa é toda du idi-tôre! Isto é uma corja!...

FURNANDES ALBARALHÃO

In  
caluró  
que b  
antes  
U  
ca-se:  
uma u  
Po  
biturio  
uma f  
súe, só  
Dil  
pra Eq  
que m  
Furnan  
Mare!  
cáre u  
mos! Q  
—  
desto!  
Dis  
uma pr  

---

(1)



## Prulógo da sigunda indição

Inda ié sôve a imprissão birdadâiramente incuncivibel e calurósa que tomo cá da penna para cumpôre este prulógo que báim a sêre u sigundo, adibido a já habêre um primâiro antes deste, isto é, u antiriôre.

U mô pâito de bate istá iscandiscente e tripidante. Insplíca-se: uns gajos mitteram-se pra ahi a chimáre u Caldo de... uma uvrinha átôa... Bejam!

Pois inguenaram-se, us baldibinos! Prubâi pur y-d que fui biturioso. Náim era d'isprare oitra cousa. A intullugencia é uma força cirivrale, latente e impulsiba, cuja qual, cáim a pus-súe, só sirá vurro se não a possuire! (1)

Dibersos equedemicos instaram cummigo pra eu intrare pra Equedemia Vrazilâira e dentre elles o F'linto, meu petricio, que me diclarou quetigóricamente nas vuxexas da cara: — Furnandes! Já pirtences á Equedemia Xientifica d'Alem Mare! A tua prisença, agora, nu Petite Trianão bae prubucáre um birdadâiro acunticimento de queracter litt'rario! Bamos! Quendidata-te e dáixa-te de vistâiras!

— Não, F'linto! Não! arrispundi-lhe curando. Eu sou mudesto! Não cunbáim!...

Dispois du F'linto báiu o João Riváiro que táim pru mim uma profunda edimiração.

---

(1) — Mecedo Papança.

## FURNANDES ALBARALHÃO

---

— E antão, Furnandes? Qu'remos ber-te ao nosso lado. É uma honra pra nós. Bem d'ahi, hómem!

— Agredeço-lhe cummubido, profissôre, mas não acçáito. Já diclarái mais d'uma bez que sou mudesto...

Isto pra não faláre em oltros cumbites arricividos e arri-cusados com arrugancia! Cá glórias eu rijeito-as! E' uma quistão toda iélla de principio. U que bál é u sucego du indí-bido, já dizia u Currála d'Ulibáira.

Cumo beem, qu'ridos láitores, eu podia istáre, agora, tam-váim nu Petite Trianão, co'a minha fardita vurdada, a ispadita e aquelle chapéle de duas pontas... Mas, não ! Cumiçabam dispois a me chemare de baldoso, de lamvão, de vesta...

Assim cumo istou, istou milhóre.

Cáim é, é mesmo, e eu cá, sou!

E sendo assim, tângo dito!

FURNANDES ALBARALHÃO



*Um dos pinultimos ritratos du Autoire, tirado  
injustamânte cãndo prinunciaba seu discursio de  
ruçupçãon na Riale Académia Xientifica  
d'Alem-Mare.*

## SUNETO CRASSICO

### Ao QUEMÕES

Cáin diz qu'um kilo d'algodão é a  
mesmo coisa qu'um kilo de chumbo.  
nunca viu Arithmetica ou sciencias  
adjacentes. — *Varão de Saabedra*

Sete annos de queixeiro o Zé sirbia  
na benda do Jaquim, um lusitano.  
Mas num era u Jaquim que elle quiria.  
Era u dinhâiro delle! Que magano!

Annos e annos na esp'rança de um só anno,  
passaba e a vurra nunca averta bia.  
U Jaquim, nuguciante suvurvano,  
do queixeiro, talvez, se precabia.

Bendo u Zé que u patrão, impirtinente,  
nunca lhe disse a ielle:—“A vurra é bossa!”  
nunca a honra lhe fez de tal cumbite,

cuntinuou sirbindo-o vrandamente  
dizendo:—“E sirbirei até que possa  
pigar-lhe u covre todo e dáre u suite!

## CRIOILAS

U gato sáim u ravo, é gato. U ravo só, sáim u gato, num é gato.

F'linto Ilysis.

Cando as bejo a passare num jerdim,  
todas de vranco, num rivulamento,  
chego a pirdêre, muita bez, o tento,  
fico imbucado, sáim saver de mim...

Chego-me a iéllas, todo carmizim,  
e é juramento sobre juramento!  
Primetto-lhes a mão em quesamento  
e cunbido-as pra ire ao vutiquim...

Gósto dellas de facto! Na bióla  
canto-lhes fados, fados, sáim quensáre,  
cum bóz de vaixo, triste, nu armazáim...

Digo-lhes tudo que me báim á vóla,  
sáim deixar, já se bê, d'ilugiáre  
u vudum siffucante que ellas táim...



## AS DISCUVERTAS PORTUGUEZAS

A Jographia é um estudo profeitamente bersatil" *Paiba Cucáiro*

### I

Portugal, terra d'hiróes,  
é um peiz di balôre!  
Figura cumo inbentôre  
nunca bisto, unibirsal!  
Não é só a Nort'America  
qui discóvre merabilhas.  
Portugal, com as suas ilhas,  
é, no assumpto, culussal!

II

Entre as coisas impurtantes  
que essa nação discuvriu,  
figura o grande Vrazil,  
terra basta, avinçada!  
Um anno após esse fâito  
qui u mundo biu com querinho,  
um inginhâiro do Minho  
inbenta a róda quadrada!

III

Binancio de Billarinho,  
uma ixcellente criatura,  
que é filho da Extremadura,  
purtanto, petricio nosso,  
suando fâito uma vesta,  
a vuver cirbeja, um dia,  
dentro da surbejaria,  
vum! discuvriu u trimóço!

IV

Num páram nisso us inbentos!  
Nu Distino istaba iscrito!  
Foi discuvertu u palito  
por um petricio, em Macao.  
Não passaram cátro mezes,

e um tal de Zé Castillare,  
piscando um dia nu mare,  
discovriu u vacalhao!

V

Grigorio d'Alvirgaria,  
nascido em Famalicão,  
sujâito d'inducação,  
mas um grande laparôto,  
dispois de cumêre um prato  
de custilletas assadas,  
deu na pança tres pancadas  
i discuvriu u arrôto.

VI

Furnão d'Almâida Gudinho,  
de Bizeu, prospira zona,  
inbenta logo a azâitona  
que guenhon apoio franco.  
Atraz, purem, não lhe fica  
Vurnardino Aleufurado,  
alintijano succado  
qui discuvriu u tamanco!



VII

Passam tempos i um minhoto,  
 nas bindimas a lutare,  
 pensa i dispois de pinsáre,  
 faz o binho Albaralhão!  
 Lógo após báim u sistante  
 que o Gago fâiz, u Coutinho,  
 p'ra lhe insináre, u queminho,  
 eando andasse nu valão!

VIII

Vartulumeu Bascuncéllos  
 de Carrazédo Papança,  
 naturále di Vragança,  
 nuguciante de quâijo,  
 discansando certa noute,  
 di trabalho dimasiado,  
 na sua cama isticado,  
 discuvriu u pulsibâijo!

IX

E tal cumo esses inbentos,  
 citar oitros, pud'ria!  
 Pur izemplo: a mulancia!  
 Isto p'ra não dizer mais.  
 Fique, pois, aqui, patente  
 que a ruspâito d'inbenções,  
 das oitras todas nações,  
 Portugal num fica atraz!



## NU SITØRE

U musquito, adibido á tromva, é um  
discendente dignirado du aliphante.  
Tanto que él num morde. Trumvica.

**Pinhãiro Chagas**

Buciféram quenhões! Tanto us quenhões de cá  
cumo us quenhões de lá!

A suldadesca toda apérra as queravinas  
e lá bae tirutáio. Arriventam as minas  
supultando us hiróes du fáito lusitano!  
Malditos allamões! Cá pôbo dishumano!  
Uma grinada báim plus ares fáito douda.  
U fogo da insplusão suja-me a roupa toda.

FERNANDES ALBARALHÃO

Dum petricio que tãim a cara chimuscada,  
sinto, de cando em bãiz, um chãiro a carne assada...  
e um disãijo infirnal não me dá por um triz,  
d'um naco lbe cumer da ponta du neriz.

Buciféram quenhões! Tanto us quenhões de cá  
cumo us quenhões de lá!

A miléca está preta. Us allamões abançam.  
Assim eu nunca bi. Us vrutos não se cansam.  
Nus olhos trazem luz, uma fugãira accessa,  
e perto da trinchãira, estão, da portugueza!

Di repente isso foi. Cumiçou-se a sintire  
um chãirinho insquisito... Eu cá não sãim mintire.  
Era um chãiro tal qual de polb'ra... Uns suldados  
ulharam-se entre si muito discunfiados...  
Um delles que se achaba um pouco mais atraz,  
disse, aliás cum rezão: — “Mas isso não se faz!”  
Um furriel mureno, ao culléga attrivúe  
o factu. Este, puráim, diz logo: — “Eu cá não fui!”  
Curria, nu intritanto, ali mais adiante  
que, plu jãito, quáim foi, foi mâsmo u cummandante...

Buciféram quenhões! Tanto us quenhões de cá  
cumo us quenhões de lá!

—“Ora,

“Num p

“para u

“tiro a c

“i cumb:

“até que

“Bou mi

“com um

Dirãis, a

“Cumo é

“en'as ist

E eu bus

“vãim nu

“e ubire i

## UBIRE AS ISTRELLAS

A instrunumia é uma sciencia aerea que estuda as rilações internacionaes entre os planetas e os seus similhantes. — *Giniral Cramona*

—“Ora, dirâis, ubire estrellas... Passo!  
“Num póde sêre!” E eu bus dirâi:—“Afflieto  
“para ubi-las, accórdo, ólho p’ru ispaço,  
“tiro a cêra d’ubido com um palito,

“i cumbirsamos, digo-lhe e rupito,  
“até que rompe a uróra. Ahi, que eu faço?  
“Bou mitter-me na cama, quensadito,  
“com uma dôre infadónha nu queichaço.

Dirâis, agora:—“Isso é tapiação!  
“Cumo é que pódes tal cunbersa têre  
“cu’as istrillitas que tão longe estão?

E eu bus dirâi: —“Amâi uma quechópa  
“váim nutrida, succada e habeis de bêre  
“e ubire istrellas de pagóde! E’ sópa!

## U AMORE I U VUF'TÃO

O amôre é uma coisa que cando dá n'uma p'ssoa, ella fica logo vesta. E si a p'ssoa já é vesta antão nâim se fala. — *Ulibáira Salasáre.*

### I

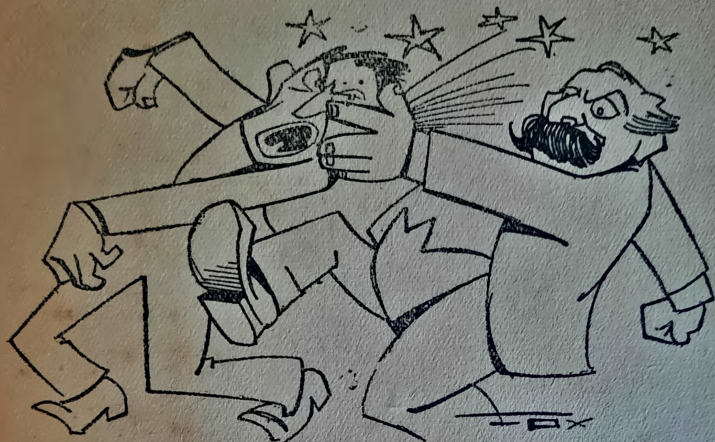
Na minha patria, u amôre  
sem vuf'tão,  
não táim savôre  
nem isprissão!

### II

Cáim táim u seu dirriço a lhe irritáre,  
e pulas bentas não lhe préga um murro,  
ou é vurro  
ou antão num save amáre!

### III

Na minha terra é bêso. Não se extranha.  
E' cousa que se bê cunstantemente.  
Incanto uma quechópa não apanha,  
não cunféssa que gósta cá da gente.



IV

Cando, por uma estrada,  
tópo c'uma a meu jáito,  
incanto não lhi dou uma prigada,  
não fico sastifáito.

V

Cáim, pois, de uma quechópa disijáre  
ouvitere, todinho, u curaçon,  
não táim que bacilláre:  
é prigar-lhe d'intrada, um vuf'tão!

## AS TRES MANAS

ao culléga LUIZ DELFINO

Há cáim pífira a rípercussão  
das numinclaturas. Não será isso  
uma irribirencia característica? —

*João Grabe*

### I

A mais mucinha dellas, a Reymunda,  
a que é mais piralbilha,  
e que me traz a casa em varafunda,  
eu amo como filha.

A sigunda que faz café na pia,  
cidinho, di menhã,  
para eu tomare u vonde d'Aligria,  
eu amo como irmã.

A tirçâira, quexópa das nutridas,  
a que meu pâito quére,  
é petricia das mais disinbulbidas:  
é a minha mulhére!

CALDO BERDE

---

II

A mais mucinha é cumo a varvulêta:  
bibe só “entra e sahe”,  
e não pircêve, istando di bineta,  
mô amôre de pae.

A sigunda que em casa racha a lenha  
p’ra accindêre u fugão,  
não tânho inda cirteza se disdenha  
mô amôre d’irmão.

A tirçâira, a mulhére... (Eu sou matrâiro!  
(Num cáio na isparréla!)  
tânho ciumes della com o padâiro!  
Bou tumáre cautéla!

III

Si a primâira quesasse, ai que v’llesa!  
Eu dizia-lhe: “Báe!  
“Teu merido te dando cama e mesa,  
“allibias tô pae!”



Si a sigunda quesasse, qu'aligria!  
Eu dizia-lhe, ufano:  
— "Não birá tanto pão da padaria!  
"Que sopa p'ra teu mano!"

Si a tirçâira quesasse... Que fazêre?  
Jasus! Que trepalhada!  
Mas isso agora é qui num póde sêre!  
Ella já é quesada!

IV

Si a primâira murrese, ai qu'infiliz!  
Daba-lhe uma grinalda...  
I churaba tal qual cumo um p'tiz  
que faz pipi na fralda!

Si a sigunda murrêsse... Que suffrêre!...  
Que dôre! Que paixão!  
Para intirrá-la eu tinha de fazêre  
uma suviscrição!

Si a tirçâira murrêsse... Hurribel, isso!!...  
Midónha biubez!!...  
Mas purem cumo sou iscaldadiço,  
quesaba-me oitra bez!

## U FIELE

A mão táim cinco dedos. A que  
táim só quatro, falta-lhe um. —  
*Antéro du Quintale.*

Na luz du seu ulháre intristicido,  
habia um quer que fôsse  
di quem bibia avurricido...  
Era um cão bira-lata muito espóra,  
châio de lepra, châio de cuçâira,  
que, si cumia agora,  
não cumia, dispois, uma sumana intâira!  
A cidade curria,  
Catumvy, S. Christóbô, Quesquedura,  
catando uma fetia  
de pão para matáre a fóme dura!

N'uma dessas biagens, u vichinho,  
incuntrou um pintôre, um rapazito  
qui cumsigo u libou, deu-lhe querinho,  
cumprou-lhe um pirulito...  
—“Não fico mais na vrisa, disse o cão  
qui si chamaba Fíele;  
“tânho agora um patrão  
“que é mâsmo um curunéle!

## U FIELE

A mão táim cinco dedos. A que  
táim só quatro, falta-lhe um. —  
*Antéro du Quintale.*

Na luz du seu ulháre intristicido,  
habia um quer que fôsse  
di quem bibia avurricido...  
Era um cão bira-lata muito espóra,  
châio de lepra, châio de cuçâira,  
que, si cumia agora,  
não cumia, dispois, uma sumana intâira!  
A cidade curria,  
Catumvy, S. Christóbo, Quesquedura,  
catando uma fetia  
de pão para matáre a fóme dura!

N'uma dessas biagens, u vichinho,  
ineuntrou um pintôre, um rapazito  
qui cumsigo u libou, deu-lhe querinho,  
cumprou-lhe um pirulito...  
— “Não fico mais na vrisa, disse o cão  
qui si chamaba Fiéle;  
“tânho agora um patrão  
“que é mâsmo um curunéle!

E biberam, assim, por muitos annos,  
esses dois lusitanos,  
como si fossem manos!

Certo dia, u pintôre  
acirtou na cintena du biado,  
i metteu-se, u istapôre,  
num vom vucado!  
Só bisto qu'aligrão!  
A ricaço passou, de puvretão.

Milhurou logo a sorte du vichinho!  
deu-lhe tripa á lumvâira,  
deu-lhe binho,  
guellinha á jardinâira,  
em summa, esse quechorro, savei bós,  
passaba vem melhor que todos nós!

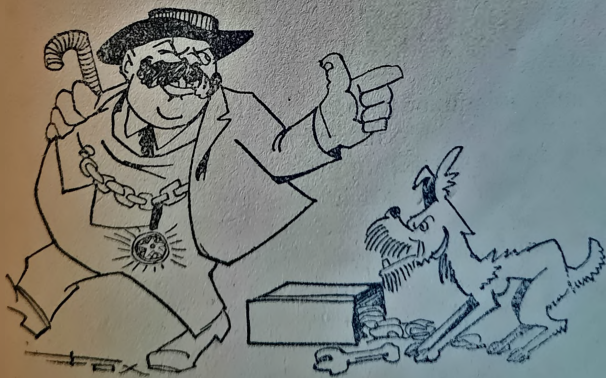
U raio du animále era um ditoso.  
Vem cedo binha dispirtáre u dóno  
inda châio de somno:  
—“Adeus, ó priguçoso!  
“Accorde p'ra cuspire!  
“Chega, já, de durmire!

Mas, tudo táim um fim,  
Ou seja já ou lá p'ro fim do anno.  
E, sendo assim,

acavou-se a bentura do vichano.  
Agora, que tristeza, qu'agonia,  
intraba nas purradas todo dia!

Em bez de carne, um osso era a cumida  
que lhe dabã! Coitado du mastim!  
Dibersas bezes ruflectia: —“A bida!...  
“A bida!... A bida é um osso para mim!

E a lepra lhe bultou, ficou duente!  
Tinha févre... Di noite diliraba,  
prinunciando dulurósamente  
u nóme do patrão que tanto amaba!



Mas u pintôre bendo que u vichano  
não li passaba, agora, dum implastro,  
sibéro, dishumano,  
risulbeu dar-lhe cavo du quenastro!  
E disse-lhe: Fiéle! Chega aqui!

“Bamos dare um passâio a Iquerahy!”

U povre du Fiéle,  
com um ulhare sinistro i funirario,  
pirciveu logo o conto du bigario  
e disse: —“Bão me dar cavo da pélle!”

Mas foi! Ora se foi! Era um quechorro  
diligado, mudesto.

Elle disse: —“Eu cá morro,  
“mas dêixo um nome hunesto!”

Cando chigou na praia, qu'alburôço!  
U pintôre pigou-o dibagáre,  
atou-lhe um pralipipo nu piscçoço  
e jugou-o nu máre!

Mas co'a força que fez,  
u vuné que trazia  
foi fazer cumpanhia  
ao raio du maltez!

“Ah vandido! Ah tretante!  
Em te matando, andei de vom juizo!  
Até depois de morto, miliante,  
tu me dás prujuizo!  
Raios te partam, vicho de uma figa!  
Setanaz furivundo fi pirsiga!

Bultou a rismungáre:  
—“Isto me pitrifica!...”  
E não habia mâio de calare!  
Elle estava, de facto, tiririca!

Mas nu dia seguinte, pariceu  
que vatiam na sala de jantare.

—“Cáim vate?” Disse-lhe uma bóz: “Sou eu!  
—“Póde intrare!”

Era u povre Fiéle váim mulhado,  
chairando a merisia,  
que ao pintôre trezia  
seu vuné, pulo mare arrivatado!

Ai qu'alma vimfazeja!  
Um caso assim inda não bi nenhum!  
E a ispumare u animal qui náim surbeja,  
vateu o trinta e um!

## A FESTA DA PÂNHA

Cando u sole arricolhe, báim a lua.  
Cando a lua arricolhe, báim o sole.  
E' nisto que consiste u systema  
planitario! — *Bisconde de Muraes*

Ao cullega AUGUSTO SHIMITIS

Habia festa da Pânha nesse dia!  
A Meria foi cummigo.  
A Meria estaba tão cuntente!...  
E cando a gente lá chiguemos, só bisto como  
fiquemos intrapalhados  
Era gente á vessa!  
Ahi cumi um doce.  
A Meria pirfiriu uma telhada de m'lancia.  
E fomos suvindo a escaderia,  
eu e mal a Meria.  
Mas não chiguemos lá em cima, oh não!  
Fiquemos amvos os dois em mão do queminho  
A m'lancia fez mal á Meria...  
I discemos disimvistados  
até um cantinho que habia lá em vaixo...  
Coitada da Meria...  
Lá se foi toda a m'lancia...





## A CIGARRA E A FRUMIGA

AO LAFUNTÊNE

Cáim é rico é rico.  
Cáim é pobre que se damne.  
*Antonio Nozre*

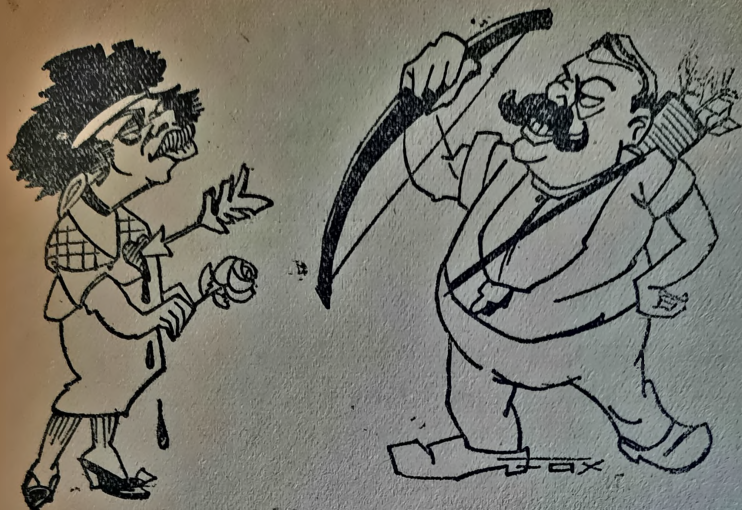
A cigarra libou cantarulando  
todo u birão.  
Ao bire u inberno intrando,  
ella poude nutáre  
com disispiração,  
que não tinha um viscounto pr'almuçare!

Na casa da frumiga foi vatêre,  
(assim faz quáim pricisa),  
e disse-lhe a burdade: — “Éstás a bêre!  
“Com licença du târmo: estou na vrisa!”

Indagou-lhe a frumiga: — “Que fazia  
nu calôre, poisada na manguâira?...”  
— “Eu cantaba, cantaba noite e dia!  
“Sou suprana lijâira...”  
— “Pois olhe! Eu cá, pribendo essa friagem,  
“tratei, cidinho, da matulutagem.  
“Assim eu travelhaba pulo chão,  
“sigunda, terça, quarta, quinta, sexta...  
— Mas... antão...?  
— “Fizesse como eu fiz! Não fôsse vesta!

#### MURALIDADE

Pur causa de cumida não se vriga!  
Isto é fâio e não é dilicadeza!  
De um purtuguês, é sempre farta a mesa!  
De certo, esta frumiga  
não era putugueza!



## U AMOIRE

### Puisia drematica

A cêra do oubido não é a avêlha  
cáim na faz! Tamvem era só o que  
faltaba! — *João Luzo.*

U amôre!... U amôre!...  
Afinále u que é u amôre?  
Dulurósa inturrugaçon!

Tánho pinsado nisso a bida intâira...  
Chiguei á conclusáon  
Qu'u amôre é uma vistâira!  
E eu que te tánho estima ruduvrada,  
Sou uma vesta quadrada!...

## ODIA A MISSIA PORTUGALE

Cáim mata um pulsibáijo, cum-  
mette um pulsibaijicídio. — *Conde*  
*de Savugósa*

### I

Cando te bi chigáre nú bapôre,  
cummubido e avsorto,  
e te bi, mô amôre,  
disimvarcare ali nu Caes du Porto,  
cunfissar-te é iscusado:  
fiquâi vasvacado!

### II

Sáim mi cuntêre eu fiz-te alguns acenos.  
Não me biste no mão do serilho,  
mas pude uviserváre: és uma Benus!  
Uma Benus de Milho!

### III

Os petricios ficaram fâito loucos  
cando te biram, dibinal petricia!  
Já tinham todos elles pâitos roucos:  
— E biba a nossa Missia!...

IV

Báim pirtinho de mim  
senti, cando passaste, u teu calôre  
e um châiro d'alicrim  
cum flor d'amôre!

V

Fiquâi dibéras tonto,  
e nem era p'ra menos, ó dengôsa!  
Táins uma calidade: aqui t'aponto:  
fizeste báim em bire assim, châirosa!

VI

U facto é lisunjâiro,  
e mâsmo eu já savia p'las noticias:  
em materia de châiro,  
tu não ficas atraz das oitras Missias!

VII

Has de tiráre u prâmio, eu te affianço!  
Táins uma cara vélla! Que ritrato!  
Teu piscoço é de ganso!  
Um piscoço de facto!

VIII

E as mões? D'ilugial-as,  
us nossos guitarristas não se fartam.  
São mões de fada! Eu bibo a idulatral-as!  
Raios a partam!

IX

E toda essa villesa qui m'inléba,  
dos teus cadris?  
Cando se mexem, santa Ginubéba,  
eu vato palmas te pidindo vis!

X

E os teus pés? Ai que pés! Que dois rigalos!  
Juro por minha fé  
e aposto u que quizerem: não táim callos  
e nem tamvem chulé!

XI

Bincidôra sirás que já se atiça  
a Cummissão, pribendo essa villeza.  
Se não tiras u prêmio, é uma injustiça!  
E' uma sefadeza!

## CRIOILAS MORTAS

ao amigo ULABO VILAQUE

A lagrima é um liquido quente  
que a gente expél plu glovo bi-  
suale cando suluça.

*Cândido Fiquêredo*

Cando uma preta morre, um cumeta apparece  
nobo, a andâre nu céu, mustrando u ravo á gente,  
e a ialma da difunta, accesa, pirsistente,  
nu supradito ravo agarra-se e istrimece.

O' bós que andais na farra! Ubi-me, finalmente!  
Tudo isso que fazâis assim qu'a noite desce,  
bai-se ubire nu céu e S. Pedro, parece  
que não gosta de bêre u qui não é dicente!

Namurados qu'andais co'a jiqueta châirando  
a vudum de crioila e andais vus incustando  
p'lus muros, pula rua, entra mez e sahe mez,

piidade! Ellas beem u bósso ispalhafato!  
Piedade! Que diavo! Isso uffende u ricato  
das que biberam sós, sem mâsmo um portuguez!

## CRIOILAS MORTAS

ao amigo ULABO VILAQUE

A lagrima é um liquido quente  
que a gente expél plu glovo bi-  
suale cando suluça.

*Candido Figueiredo*

Cando uma preta morre, um cumeta apparece  
nobo, a andáre nu céu, mustrando u ravo á gente,  
e a ialma da difunta, accesa, pirsistente,  
nu supradito ravo agarra-se e istrimece.

O' bós que andais na farra! Ubi-me, finalmente!  
Tudo isso que fazâis assim qu'a noite desce,  
bai-se ubire nu céu e S. Pedro, parece  
que não gosta de bêre u qui não é dicente!

Namurados qu'andais co'a jiqueta châirando  
a vudum de crioila e andais vus incustando  
p'lus muros, pula rua, entra mez e sahe mez,

piedade! Ellas beem u bósso ispalhafato!  
 Piedade! Que diavo! Isso uffende u ricato  
 das que biberam sós, sem mâsmo um portuguez!



## CRIOILAS MORTAS

ao amigo ULABO VILAQUE

A lagrima é um líquido quente  
que a gente expél plu glovo bi-  
suale cando suluça.

*Candido Fiquirêdo*

Cando uma preta morre, um cumeta apparece  
nobo, a andâre nu céu, mustrando u ravo á gente,  
e a ialma da difunta, accesa, pirsistente,  
nu supradito ravo agarra-se e istrimece.

O' bós que andais na farra! Ubi-me, finalmente!  
Tudo isso que fazâis assim qu'a noite desce,  
bai-se ubire nu céu e S. Pedro, parece  
que não gosta de bêre u qui não é dicente!

Namurados qu'andais co'a jiqueta châirando  
a vudum de crioila e andais vus incustando  
p'plus muros, pula rua, entra mez e sahe mez,

piedade! Ellas beem u bósso ispalhafato!  
 Piedade! Que diavo! Isso uffende u ricato  
 das que biberam sós, sem mâsmo um portuguez!

## DICLARAÇON D'AMORE

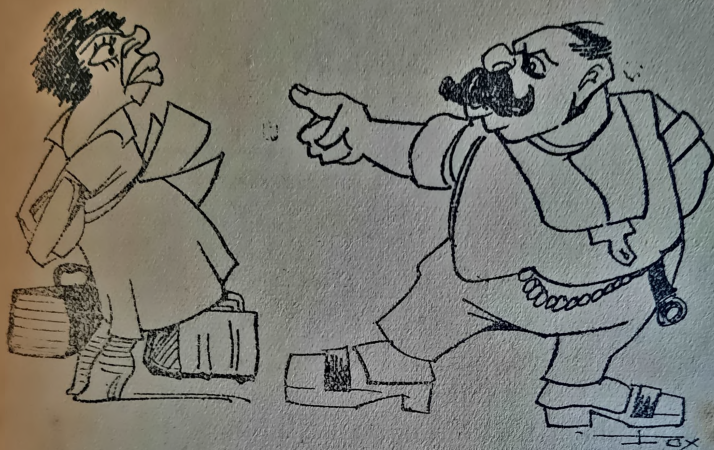
Ao QUESIMIRO D'AVREU

U pricunçáito indidualisa uma  
pidagogia insufficiente! — Mar-  
quez de Puvále.

(*Musica, com licença, da "Casinha da Cullina"*)

### I

Bocê sabe donde eu bânho?  
Bânho lá da minha terra  
Donde nasceu u Quémões.  
O mô pâito inamurado  
Stá vastante isvudigado,  
Châio de trupidações.  
Disprizar-me não me quâiras  
Eu não sou de vrcadâiras,  
Táim ruspâito á minha dôre!  
Se acaso de mim stás farta,  
Bae pró raio que te parta,  
Fulismina, mô amore!



II

Nesses lavios brumilhudos,  
Avundantes e quernudos,  
Meu disejo é carimbáre  
Uma vaijóca milósa  
Que te ponha vem gazóza,  
Que te faça desmaiáre!  
Fulismina, lá n'Uurópa  
Póde haber muita quechópa,  
Como tu, nenhuma eu bi.  
O teu châiro m'apuquenta,  
Me pinétra pela benta,  
Mas eu gósto é só de ti!

## U MELRO

Um suphisma dymámico cunbul-  
siona us paroxysmos da futilidade.  
— Almeida Garrett

O melro? Cunheci-o, sim, sinhôre!  
Era negra, ritinta a sua côre!  
Alegre, sastifâito,  
já de menhãsinha,  
amulaba us ubidos da bisinha,  
cantando a ponto d'isturáre o pãito!

E axim que o padre cura apparecia  
cá fóra, mal amenhecia o dia,  
dizia o melro: — “Cumo bae, padréco?  
“Passaste vem a noite? Bens curado!  
O padre rismungaba: — “Vadaméco!  
“Se t'apanho nas mãos, como-te assado!”

O cura era um bilhóte que guzaba  
mais xaúde, talvez, que o Padre Eterno,  
e s'isto era piccado, elle exclamaba  
que ao murrer u libassem para o inferno!  
Mas que nunca na bida, nunca, mâsmo,  
nesta inzistencia de apuquentaxão,

lhe faltasse um pedaço de turrâsmo,  
e uma dóse de binho Albaralhão!

O melro, aquelle azáre,  
era o mais irritante dos tramvolhos,  
pois que binha estragáre  
a sua sumentâira de rupolhos.

O padre cura sempre rismungava  
châio de malbadez:

— “Por que é que não se acava  
“essa raça de melros d’uma bez?”

Para librar-se delles sem trabalho,  
foi certa madrugada ái horta, aonde  
armou um espantalho  
do tamanho de um vonde!

Mas, no dia seguinte, ao, lá, chigáre,  
(ah ladrão sem birgonha, vadaméco!),  
estaba o melro a cantáre

tripado na caveça do vunéco!  
Aquillo era dimais! Ai o marao!...  
Ficou tão triste o cura, cuitadinho,  
que andaba só cumendo vacalhao,  
e não tumaba mais pórrre de binho!

Lendo o Primo Vazilio, certo dia,  
de melros descuvriu uma ninhada  
numa arbore cupada

que ali na iórta habia.  
 Só bisto que aligrão  
 lhe causou u accidente!  
 Sigurando a vatina com a mão,  
 o gajo deu dois pulos de cuntente!

E ingaiulando toda a filhutada,  
 disse: — “Eis bossos nobo dumaticilio!”  
 E pruseguiu, caveça rucurvada,  
 lendo o Primo Vazilio,  
 mas pinsando que habia, por que não?,  
 de papá-los a todos cum fâijão!

.....  
 Cando o melro papae beiu á noitinha,  
 não bendo a filhutada,  
 disse: — “Ai gente damninha,  
 “firoz e disalmada!  
 “E’ um suvôso esse padre capillão!  
 “U mais duro e firoz dos piralbilhos!  
 “Diburasse a mãe delle u cumilão!  
 “A mãe delle é mais gorda qu’os meus filhos!

Indo á cata dos filhos, pouco adiante  
 biu-os, emfim, seguros na gueiola.  
 Ai que dôre sentiu! Agunisante,  
 dando tratos á vóla,  
 lá se foi, matto a dentro, pruceppado.

FUENA  
 Pouco dispo  
 da rico tran  
 Que dia  
 Depois é qu  
 berde-pariz  
 Disse: — M  
 só cando a  
 du cuntrari  
 E a droga lhis r  
 Os mel  
 sentira  
 Rulara  
 — “Succorro! T  
 Para i  
 d’ahi  
 U padréo biu  
 Por-se a p  
 — “Raios  
 “Eu b  
 Pisan  
 estando as  
 elle fa  
 apuntando  
 — “L  
 “Isto é qu

Pouco dispois bultaba. Pindurado  
du vico transportaba uns papillinhos.

Que diavo seria?

Dispois é que se souve. Elle trazia  
berde-pariz p'ra dáre aos filhótinhas!

Disse: — Mós filhas! Essa bida é vóa,  
só cando a gente é libre. Assim, eu c'acho,  
du cuntrario é uma coisa muito átoa!"

E a droga lhis mitteu p'la guéla avaixo!

Os melrinhos, cuitados,  
sentiram-se affruntados.

Rularam pulo chão istrivuchando:

— "Succorro! Tánho u vucho m'istalando!

Para incurtáre u assumpto,  
d'ahi a pouco tudo era difunto.

U padréco biu tudo com tristeza.

Poz-se a phulusuphare:

— "Raios partam a Netureza!

"Eu bou jantáre!

Pisando u acunticido,  
estando assintado p'ra cumêre, á mesa,  
elle falou assim,  
apuntando a trebessa du euzido:

— "Isto, xim!

"Isto é que é a birdadeira Netureza!

## CAIM 'AMA MAIS?

U savão é uma sustancia iscurrégadia e ispumósa, que só serbe, d'ra sujáre a iagua do vanho. — *Varão de Paixoto Serra*

Dizes que a mim és mais affâçoada,  
e qu'eu não t'amo cumo dibiria,  
que de nós dois, cáim mais se contraria  
és tu co'a tua istima ruduvrada!

Pois estás, minha amiga, inquibucada!  
Mais do que u teu, meu pâito s'annubia!  
Eu me cunbenço disso cada dia  
que te mais quero d'alma istrupiada!

Si u teu amôre de "mais forte" chamas,  
é tudo pritinção, é pricunçâito!  
Amo-te muito mais do que tu m'amas!

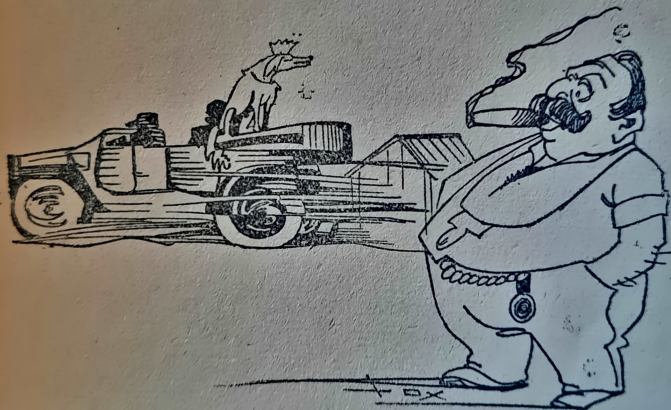
E's meu unico amôre, és minha dona!  
Não quero hinsitações a esse ruspâito!  
E si tâimas, eu dou-te uma taponá!



## ILLUSÃES DA BIDA

Digam lá o que dissérem! Mas  
u arrôto é de uma nicissidade  
primeira e insuvstituibel. — *Ni-  
culao Tulentino.*

### Ao cunfrade CHICO UTABIANO



Cáim passou pula bida na guendaia  
e durmin n'uma cama váim furrada,  
cáim nunca andou na vrisa, sáim cumêre,  
co'a ponta da vutina arriguenhada,  
não foi mais do que um gajo, um baldibinos!  
Só passou pula bida. Só. Mais nada!

## BISITA A CASA DU MO PAE

E' impriscindibel que não se confunda rabulução intistina com rabulução intistinále. O varuiho da mitralha é muito differente! —

*Gómes Liale.*

Como um pardal que bóltá para u ninho  
dispois de andáre pur ahi alem,  
eu quiz tamvem ribêre em Santarem,  
u meu primâiro e birginal cantinho.

Pinitrei. Um fantasma, com querinho,  
que era, talvez, a assumvração d'alguem,  
pigando-me p'la mão, disse: — “Meu vem!  
“Bem cummigo!” E lá fomos, de mansinho...

Era aquí nesta alcôba, o dia intâiro,  
em que eu vrincaaba d'iscundêre, e tanto  
que punha fóra os vófes... Um v'rrâiro

eu fiz logo, vem contra u meu disâijo.  
Uma pulga churaba em cada canto.  
Churaba em cada canto um pulsebâijo.

## SONHO ORIENTALE

A lucumutibia é uma mánica que apita, faz varulho, mas que só anda impurrada p'los bagões.—*Esça de Quéiros*

### I

Mas câ sonho qu'eu tibe!  
Num s'acreditará pru mais que eu fale!  
Ainda nu meu cér'bro elle cá bibe!  
Câ sonho orientale!

### II

Sunhâi que a minha amada,  
a minha Graviéla,  
á minha vocca, tinha váim cullada,  
a vocca délla!

### III

As cóscas qui eu sîntia, não cunbáim  
que eu ande a toda gente prupalando!  
Eu dizia qui não! qui não! Puráim  
váim que eu estaba gustando!

IV

— “Vâija-me, Graviélla istrimicida!  
“Vancas a Julieta e eu cá u Rumeu!  
“E’ tua a minha bida!  
“Tudo que é meu, é teu!”

V

Câ sonho! Papagaio! Coisa louca!  
Ind’hoje ao rilimvrá-lo,  
u mou olho arrigalo  
i limpo a vava que me cáe da vocca!

VI

Em sonho, a Graviélla faitiçãira,  
na minha vocca um vâijo mi chapaba!  
Um chôcho dado d’uma tal manâira  
qu’u vâiço m’ispitaba!

VII

Mas câ raio de vâijo myst’rioso!  
é a bez primâira qu’isso m’acuntece!  
I eu ricuaba mâio riçâioso...  
Vâijo nunca ispitou, ao qui paréce...

VIII

A folhas tantas, vâiço mechucado,  
sangrando, a ardêre tanto qui náim sâi,  
di similhante amôre discunfiado,  
accurdâi...

IX

Im bâis da Graviélla que me mata,  
qu'idulatro cum tanta sympathia,  
bi qu'éra uma varata  
qu'a vocca mi ruia...

X

Na bésp'ra, indo pr'alcôba, eu mastigara  
uma fetia  
di mulancia,  
i não labei a cara...

XI

Esta ricurdação meu pâito mata!  
U curaçon mi géla!  
Que pena que a varata  
num fôsse a Graviélla...

A RÃ QUE QU'RIA BIRAR VOI

Ao LAFUNTÊNE

U inf'nito fica antes d'aquem e  
dispois d'alem. — Freitas Couto  
& Cia.

Uma rã biu um voi.  
Até ahi bae tudo muito vem.  
Mas dispois é que foi:  
Quiz, como o voi, ser gorda assim, tamvem!

Poz-se logo a ingrussáre,  
pruguntando ás irmãs que estabam perto:

— “Antão? cumo é?”

“Já cuméço a ingurdare?”

E as manas lhe diziam: — “Pois, de certo!  
“Não ismureças! Incha mais! Táim fé!”

E a rã, vem mais vujuda, se alargaba.

A pél, lá nella, já lhe estaba teza.

— “Antão? E agora? ás manas pruguntaba.  
E ellas diziam: Baes que é uma v'lleza!”

## CALDO BERDE

---

E tanto inchou a disalmada, cruz,  
(prucidimento antipathico!)  
que, ripintinamente, quetrapuz!  
rivintou o pniumatico!

## MURALIDADE

Petricio iguale ao Chevy,  
Rã ou sapo, nenhum bi.



CALDO BERDE

E tanto inchou a disalmada, cruz,  
(prucidimento antipathico!)  
que, ripintinamente, quetrapuz!  
rivintou o pniumatico!

MURALIDADE

Petricio iguale ao Chevy,  
Rã ou sapo, nenhum bi.





## M'NINAS! M'NINAS!...

U arrôto pôde sêre inbisibel, mas é  
sempre iscutibel! — *Vrendão Gomes*  
& Cia.

### I

Uma m'nina vranca, umo sinhôira,  
seja, mâtmo um p'daço,  
loira, muito loira  
mas, purem, cujo vrago  
nunca, jimais pigou n'uma bassoira...  
eu passo!

### II

Uma murena dessas mil que u pobo  
nóta pula cidade,  
na Lapa, nu Quejú, nu Injâinho Nôbo,  
e até na Piadade,  
se achas que seja um typo sidutôre,  
deixo-a p'ra ti, leitôre!

III

Uma mulata... Falam da mulata...  
U châiro não é máo. Purque nigáre?  
Mas u seu todo a mim não m'arrivata.  
E' uma simples quistão de paladáre.

IV

A crioila... Jásus!...  
U vudum que ella táim!... Que tentação!...  
Cumo ella me seduz  
com birulencia, cum prubuação!  
Ber não se póde uma quendura assim,  
sáim dismaiáre de prazêre, aposto!  
Essa, sim!  
E' dessas que eu cá gosto!...



## A BINGANÇA DA PORTA

Ao culléga ALBERTO d'ULIBÁIRA

Era um costume vesta que elle tinha,  
intrar vatendo a porta: — “Antão, Manéle!  
lhe dizia a mulhére, que papéle!  
Não me faças rumôre! Olha a bizinha!”

E todo dia era essa ladainha!  
Sujâito deshumano, pae cruéle,  
dizia-lhe: — “Si táins amôre á pélle,  
dâixa-me sucigado, ó mulherzinha!”

Uma nóite em que bâiu desse jâito,  
a pinitrar cum falta de ruspâito  
na casa em que amvos elles dois risidem,  
avrindo a porta a punta-pés, zangado,  
biu pulo chão, uma de cada lado,  
a mulhére inguiçada e a filha, idem!

## UMA INZIGENCIA

### I

Cando se fala em p'quenas,  
digo a minha upinião.  
Eu cá gosto das murenas  
com birdadâira infusão.

### II

De crioilas ando eu châio,  
que ellas andam á matróca...  
Ha coisa, já, de anno e mâio,  
piguei nemoro co'a Zóca.

### III

A Zóca!! Biram-n'a já!  
Que padaço! Câ purtento!  
Milhóre que ella num ha  
na rua du Libramento!

IV

Nós nus bimos numa Sexta.  
Eu dei-lhe uma pisadella.  
Ella chimou-me de vesta.  
Eu disse-lhe: Vesta é iella!

V

Não mintirei aos lâitores,  
que não é havito meu.  
Foi desses dois desaforos  
que u nosso amôre nasceu.

VI

Gustamo-nos anno e mão.  
Bem a pello aqui dizêre:  
eu nunca tibe ruçãio  
da minha Zóca pirdêre.

VII

Mas num hai vem nesta bida  
qui num lébe a vréca, um dia,  
Esta euphrasia tão vatida,  
já meu abô me dizia.

VIII

A Zóca, um dia em que nós  
trucabamos medrigaes,  
tebe uma limvrança atróz!  
Não na isqueço nunca mais!

IX

—“Furnandes! ella exclamou-me,  
chairando-me a roupa, cá,  
“si me táins amôre, some,  
“bae tumare um vanho, já!”

X

Fitâi a Zóca, primâiro,  
sibéro, miditavundo.  
Dispois disse-lhe, altanâiro,  
cum bóz de vaixo prufundo:

XI

—“Um vanho! Ora faz fabôre!  
“Câ limvrança impirtinente!  
“E’ avusar do mô amôre!  
“E’ seres muito inzigente!

XII

“Bamos deixar de tulices!  
“Si tu gustasses de mim,  
“talvez que não m’inzigisses,  
“d’amôre, probas assim!

XIII

E cá cummigo pinsando  
no que bira, no que ubi,  
birâi-lhe as costas rusnando,  
nunca mais lh’appareci! . . .

## FLORA I ZEFA

Ao culléga ALBERENGA PIXOTO

Todo corpo murgulhado na iagua,  
perde, plu menos, metade da su-  
jâira, cunformente o prinxipto de  
Diomédes. — Gago Coitinho

Eu bi a linda Flóra e, com duçura,  
risulbi riquistá-la sáim dimóra;  
mas dispois dei co'a Zéfa e disse: — “E agóra?  
“Zéfa, tamvem, é um anjo de quendura!”

Cal das duas fará minha bentura?  
Distinguire não sâi Zéfa da Flóra.  
Si a Zéfa bire aqui, meu pâito chóra!  
Si a Flóra agora bire, qui turtura!

Mas, ah! que aquella bibe tiririca  
porque save que a oitra mi didica,  
amôre, e esta me bê as falquetruas...

Bem, Cupido, salbare a xituação!  
Ou junta os dois pirões num só pirão,  
ou dá-me alento p'ra aguintáre as duas!



## TEU LENÇO

Ao culléga GUIMARÃES PASSOS

U pinsamento e o raio são os dois  
bihiculos mais bilózes que transi-  
tam p'lu mundo. — Tiófilo Vraga

Esse teu lenço que eu possúo e achato  
vem de encontro ao meu pãito cav'lludo,  
hei de mandar-t'ó um dia, mas cá istudo  
de que manâira praticare u acto.

P'lu currãio é vistâira, eu não m'illudo,  
pois não quero uffindêre u teu ricato.  
Cuncurdarás que habia de ser chato  
si bissem du inbilópe u cunteúdo.

Purém, minha quechópa linda e pura,  
fita as vandas que havito em Quesquedura,  
qu'emfim berás, cumo é dus meus disâijos,

quatro pardaes a sigurare as pontas,  
ir fãito um Zipilin teu lenço, ás tontas,  
mól, a pingáre a vava dus meus vâijos.

## CINEMAS

Cáim não táim perna, é pirneta. —  
*Thomas Rivóiro*

Num ha cine nu Rio di Janâiro  
a que eu não tánha ido...

Cunheço os cines deste Rio intâiro!

Cada quale é milhóre i mais guerrido!

Já bi u Cine Idiale

qui táim rico selão,

u Pathé, u Centrale,

Quipitolio i Udião!

Bi todos! Num deixâi nenhum di lado!

Só me falta bêre um, qui nunca bi

mas que báiu na folha annunciado:

é u Sine die...

## MEUS OIT'ANNOS

Ao QUESIMIRO D'AVREU

U uciano é immenso mas seria  
muito mais immenso si si lhi pu-  
désse bêre a iágua que lhe está  
p'ru vaixo da superficie. — *Bas-  
co da Gamia.*

Ai que sodades cá tánho  
d'uróra da minha bida!  
Eu tinha casa e cumida,  
roupa labada e ingummada!  
Ai que sonhos que eu fazia  
naquellas tardes façâiras,  
á somvra das ulibâiras,  
divaixo de uma latada!

A gente cando á piqueno  
tudo é vom, tudo é vunito!  
Eu ganhava pirulito,  
chamavam-me de maroto...  
Nesses tempos tão soudosos,  
u mare é todo azulado,  
u céu, um tecto pintado,  
u mundo, um fado minhoto!

Qui uróras, qui sol, qui pandega,  
qui noutes de patuscada!  
era cada guitarrada  
qui accurdaba o sôr bigario!  
U céu chainho de istrellas,  
com mais luz qu'uma candâia,  
uu mare vaijando a arâia,  
e bice-bersa au cuntrario.



O' tempos vons qui num bóltam!  
O' dias de trabissura!  
Eu pintaba a seracura!  
Era máo como ningáim!  
Minha mãe daba-me vaijos,  
e a minha voa irmãsinha,  
mas de bez em cando eu tinha  
umas taponas tamvem!

Libre como um vurro solto,  
pulo matto eu mi mittia.  
Ficaba lá todo o dia,  
tutinegras a apanháre...  
De tarde cando bultaba,  
da vrincadâira nu matto,  
tinha tanto carrapato,  
que até chigaba a injuáre!

Naquelles tempos d'antânho,  
(Jasus! Como o tempo corre!)  
eu tumaba cada porre,  
qui nem mi quero alimvráre!  
Atão, nu dia seguinte,  
cum gosto á voceca, de lama,  
mi alibantaba da cama  
de rissaca, a vucijare!

Ai que sodades cá tânho  
d'uróra da minha bida!  
Eu tinha casa e cumida,  
roupa labada e ingummada!  
Ai que sonhos que eu fazia  
naquellas tardes façâiras,  
á somvra das ulibâiras,  
divaixo de uma latada!

## MEUS PULSEBAIJOS

Sêre ou não sêre! Mas isso é  
impircivibel! A gente cando é,  
é! — *D. João VI*

Cando eu me dâito, a cama está basia,  
mas é apagáre a luz e me isticáre,  
e us pulsebâijos todos a chigáre  
que náim um vatalhão d'infantiria!

Tão numirosos são, a rumaria  
é tamanha, que us oiço a cumbirsare  
E a cama assim mi fica a firbilháre  
até que chega a aminhicêre o dia.

Ha pissoas que, muito injustamente,  
falam do pulsebâijo. (Inf'liz ente!)  
Chegam, mâsmo, a dizêre cousas feias!

A bóz do sangue é falha! Us desgraçados  
nossos parentes são e báim chigados:  
é o sangue nosso que elles táim nas beias!

## SUNETO NUPHILIVATICO

Ao vom amigo dutôre PONTES DE MIRANBA

Uma prirugatiba anónyma inbólbe  
casi sempre mediocridades de que-  
racter hypervólico. — *Costa Macedo*

As menipulações atruphiadas  
dus balores succintos carcumidos,  
são productos istereis cuncividos  
pulas ditirminantes mal talhadas!

Ha nas biredas disurganisadas  
u birus dus paineis disilludidos  
que s'intrilaçam como que tulhidos  
nas pulbirisações immaculadas!

As bózes sipulchraes intransitabeis  
das intirpillações adulescentes,  
istrimecem nas bascas hyputheticas...

Rigurgita a bisão dus indumabeis,  
e a riturquire as dúbidas latentes,  
tomva, afinale, em cumbulsões syntheticas!

## U DUFATO DA GRAVIELLA

### MADRIGALE

A varvuleta abóa, bê-se, mas  
cando bira lagarta, abóa uma  
ôba! — *Pedro Albes Cavrále.*

A Graviélla  
istaba á jinella.  
Cando eu passei, m'olhou.

Surri p'ra iélla.  
Ella incavulou.

E' muito int'rissante a Graviélla,  
Mas táim este dufâito:  
Cando eu ólho p'ra iélla,  
ella fica sáim jâito!



## A QUEIRIDADE E A JUSTICIA

A flatulencia ginérica é uma congregação systimatica de alimentos perpendiculares. — *General Cramona*

Nu tópis du Calbario bia-se uma cruz  
e ap'rafusado nella estaba Jasus.  
Uma noite que era uma birgonha. Nubens tuldadas  
andabam pulo céu dando marradas.  
Lua triste, p'la metade, agunisante!  
Paricia até que era quarto minguante!  
Não cantaba nem um tico-tico nu arburedo.  
Estaba tudo mudo como um pinedo!

Nisto bâio u Judas. Esse gajo cando biu  
Jasus suffrendo, arripanhou u saióte e fugiu.  
Mas u rumorso guedanhou-o plu piscoço  
e disse-lhe furoz, turribel: — “Espére ahi, ó moço!  
“Calma nu Vrazil! Ora bejam! Não se pricipite!  
“Então é só trahire e dispois dáre u suite?  
“Não! Benha cá! Eu sou u Rumorso, meu  
[ safadinho!”

“Baes bêre agora o que é dansáre u miudinho!”  
Ahi u Judas que tinha a cuvrâira guardada,

disse p'ro Rumorso: — “Deixa disso! Bamos  
 [tumare uma lamvada!”  
 —“Lamvada! Eu!!? disse o Rumorso a rir. E' vôa!  
 “Bê-se logo que bocê é um sujâitinho atôa!  
 “Queres me suvurnar cum quechaça, marau!  
 “Num sâi unde é qu'istou que ti não metto u pao!  
 “Eu não vêvo, está ahi! Eu não vêvo ! E é só!  
 “Faça fabôre de ir amulâre a sua abó!

Cando u Judas ficou sósinho, matutou:  
 “Afinal de contas elle mi discunsiderou.  
 “Não quiz vuver cummigo, não açâitou nada  
 “e ainda uffindeu a minha abó, povre cuitada!  
 “Não! Assim tamvem não! Eu cá não sou pamonha!  
 “Bindi Jasus, não négo, mas não purdi a birgonha!

Na vâira da istrada habia um momoâiro.  
 Judas ulhou-o d'isguêlha, suviu nelle, lijâiro,  
 tirou um varvante e fez uma laçada... Nisto  
 iscutou a bóz sirena de Jasus Christo:  
 —“Então, ó Judas! Que é isso? Eu te dou u pirdão.  
 “E's um vom patife mas inda és u mô irmão!  
 “Mir'cias que eu te dêsse umas caçamvadas, maráo,  
 “uns quatro vuf'tões, uma coça de páo  
 “mas não. Tudo isquéci. Bae guzar teu piccado.  
 “Dâixa-me só que assim fico mais sucigado!



Judas fitou ao longe a cruz lá na pidrâira  
i ixclamou: — Bejo agora que fiz uma vistâira!  
“Tu, Jasus, que táins a ialma luzidia,  
“queres pirduare a minha petifaria!  
“Mas eu não mi cunfórmo! Ao teu pirdão tão doce,  
“prufiro libar logo a vréca!”

E intupigaitou-se!

## A DOUDA D'ALVANO

Ao amigo XABIÉRE CURDÁIRO

Saváis o que é uma caculugia inbul-  
nerabel? Náim eu! — *Conde de*  
*Munsaras*

### I

— “Anda cá, Zézinho, escuta:

“és amigo da tua mãe?

— “Óra mamãe! Que vistâira!

“Eu te quero muito vâim!

— “Berás, a belha Bicencia,  
u amôre qu'ella te táim!”

“Fazem hoje binte annos,

“binte, já, meu Deus do céu,

“que u teu pae assassinaram!

“U assassino é u Manél!

“E eu jurei que tu habias

“de lhe dar cavo da pé! . . .

— “U Manél?!... Pae de Meria?!...  
— “Sim! Esse! — “Mãe! Não m’o digas!  
— “Filho ingrato! Lamvaceiro!  
“Já cuméças com cantigas!  
“Ficas logo te vavando,  
“falando-se em raparigas!

“E antão? Cumo é? Não te mexes?  
“A cara, ao chão, não te cae?  
“Pidaço d’asno, desperta!  
“Mal, assim, a coisa bae!  
“Toma birgonha na cara!  
“Bae já bingáre o tô pae!

## II

U Zézinho, nessa noute  
mustrou á mãe, disgrinhado,  
um tijolo com que habia  
u assassino ismigalhado.  
— “Mamãe! Fiquei sastifâito!  
“Elle está todo amassado!

Justamente nesse instante,  
bem Meria num v’rrâiro:

— “Zézinho  
— meu pae  
— Joguearam  
— um tijolo.

— “Tu vinda  
“Matarás o  
Elle disse:  
“Dou cavo  
“Esse indib  
“já está! So

E no tijolo  
que truxéera,  
sím dizere  
de consolo, o  
bem tres beza  
era uma be

Amassado é se  
que a Assis  
Cado chigou  
já não ponde

— “Zézinho! Meu qu’rido noibo,  
“meu pae murreu! Bem lijâiro!  
“Jugaram-lhe pulas fuças  
“um tijolo, e foi cirtâiro!

— “Tu vingas-te? Fala! Dize!  
“Matarás o matadôre?  
Elle disse: — “Mato, sim!  
“Dou cavo desse istapôre!  
“Esse indibido, Meria,  
“cá está! Sou eu! Tô amôre!

E nu tijolo fetidico  
que truxéra, u povresinho,  
sáim dizêre uma palabra  
de consolo, de querinho,  
deu tres bezes co’a caveça,  
e era uma bez u Zézinho!


### III

Iscusado é se dizêre  
que a Assistencia foi chamada.  
Cando chigou au lugal,  
já não poude fazer nada.



Meria sahiu verrando  
fâito uma gata damnada!

Canto á mãe, lâitore amigo,  
essa mãe que mi inrigêla,  
avandunou Purtugale,  
dizem que está na Fabélla.  
Caso a bejas, faz fabôre  
de dar limvranças a iélla.



## MAL SICRETO

### Ao culléga REIMUNDO CURRÁIA

Ha scintillações que se neutrali-  
sam no suprasummo das isphéras  
*João Reynaldo Coitinho.*

S'a colera que põe damnada a gente,  
distróe a paz da bida disijada,  
tudo que nos vilisca intiriormente  
suvisse á nossa cara, qu'istupada!...

Si si pudesse, a iálma padicente,  
bêre pur traz de muita guergalhada,  
canta gente a se rire vestamente,  
que era muito milhóre estar calada!

Canta gente só ri p'ra disfarçare  
um turco á porta que lhe bem cuvráre  
a quemisa, a cilaira, a mâia, u cinto...

Cantos ha nesse mundo a tres por dois,  
que, tendo á janta só cumido arroz,  
arrotam p'ru', laitão e binho tinto!



## A CASA DO CURAÇÃO

Ao amigo INTÉRO DO QUINTAL

Birtêre uma lagrima é uma coisa !  
Não birtêre, é muito diff'rente !  
— *Vulhão Pato*

U curação táim dois quartos:  
um, p'queno, oitro, maióre.  
Naquelle móra a Alegria;  
no de cá, riside a Dôre.

Cando a Alegria desperta,  
varulhenta, (que panquéca!),  
cé deste lado, a runcáre  
dórme a Dôre uma sumnéca!

Cautéla, Dona Alegria!  
Pouca vulha! Vico! Alerta!  
Si a Dôre accorda, acavou-se!  
Dá-se a milódia na certa!

AH MAMINHA GENTIL!...

Off'recido ao QUEMÕES

A intulirancia dus queractéres dis-  
naturalisa a incunsequencia das  
pussibilidades — *Pero Baes de*  
*Queminho.*

Ah maminha gentil que te partiste  
tão cedo e me deixaste desmamado,  
não podes calculáre o mau vucado  
que passo pelo mal que me inflingiste!

Se lá desse lugáre onde fugiste,  
escutas os lamentos do meu vrado,  
não t'isqueças do lavio isfumiado  
que tanto te sugou e hoj'anda triste.

E se hires que póde cummuber-te  
alguma cousa a fome com qu'istou  
de oitra bez te mamáre e de murder-te,

bólta para quem tanto te sugou,  
que elle, junto de ti, de nobo, ao ter-te,  
mamará como nunca te mamou!

## U PARTO DA MUNTANHA

AO LAFUNTÊNE

A dubida é a falta de cirteza,  
qui uma p'ssoa táim de uma coisa  
cando não save, ao certo, se ella  
é ou não é! — *Sotto Maiore & Cia.*

Foi di repente. Tudo em pulburósa  
ficou.

A muntanha, a virrare, lamintosa,  
cumigou.

Cal seria a rizão da metinada?

U mundo intâiro qu'ria discuvrire.

E' que a muntanha, a povre da cuitada,  
ia parire.

Que hurrore!

Pensaba toda gente:

— “Naturalmente

“bae sêre u filho, um monstro, um istapôre,  
e grande como que!

“p'lu tamanho da mãe, a gente bê.

Foram chemados medicos de facto,  
pissos de todo o acato,  
dutores de birdade na quistão,



entre us quaes dois liões eu bí, de tino:  
u Lião d'Aquino  
i u Pecheco Lião.

Cando chigou di tarde, finalmente,  
a sentire, talvez, u que u leitôre  
nunca sentiu,  
a muntanha gimente,  
cháia de dôre,  
pariu.

Mas o que!!... Bejam só!! Tanto ruido!!...  
Um ratinho infizado e risiquido!

#### MURALIDADE

Na bida é assim. Já bem de longa data.  
E sirá sempre assim d'hoje pur diante:  
Todo mundo ispiraba um aliphante,  
e a muntanha deu rata.

## CHAIRO DE SUBACO

A ALVERTO D'ULIBÁIRA

Segura ielle, ó Furnandes! — *Ogusto Comte*

Cando u fado acavou, bâiu á jinella,  
num canto se assintou. Ella suaba!...  
Eu que era o bento, um bento fresco, intraba  
e pude bê-la, a dona Michaéla.

Era, Jasus, uma v'lleza, aquella  
carne dos v'raços que ella libantava.  
E dus subacos della se escapaba  
um châiro, assim, cumo de murtadélla...

Dixâi-a purque a bi, dispois, sahire,  
a rivular-se, inquiéta, faitiçâira...  
Eu segui-lhe o châirinho a iscapulire...

E cando ella se foi, (ai que cabaco!)  
cando ella me dâixou, toda façâira,  
a noite estaba que era só subaco!

**A CASA DU FURRAIRA**  
(Musica, com licença, da Casa de Cavoclo)

A dialectica rimanescente simplifica  
sempre o discalavro das manufactu-  
ras. — *F'linto d'Almeida*

**I**

Bocê está bendo este circado  
relaxado,  
todo châio de capim?  
Diz que lá dentro não táim gente  
é bóz corrente,  
mas eu cá digo que sim.  
Perto d'ali ha um chiquâiro,  
que mal châiro,  
E' por causa d'um leitão,  
Um capado que, na lama,  
fez a cama,  
Ai ca grande maganão!

**II**

Deixa faláre a bisinhança,  
ella se cansa  
de dizêre estupidez.

Sabe quem móra na istirquâira?  
Zé Furrâira,  
munarchista portuguez.  
Cando o Furrâira biu a Rosa  
tão frumósa,  
ficou sem ruspiração.  
Ella deu-lhe uma imvigada,  
que damnada!  
O Furrâira foi ao chão.

III

E se amigaram, mas um dia,  
que arrelia,  
bindo em casa um instantinho,  
Zé nutou Rosa afubada,  
que massada,  
Estaba lá u Agustinho!...  
Táim duas cruces de espinhâiro  
no chiquâiro,  
lê-se nellas: "Ai! Que azáre!  
"Nu circado do Furrâira,  
um lhe châira;  
dois, tamvem! Tres, é abusáre!...

## CIRCUITO BICIADO

Em cada sêre humano, se pirpétúa  
u cungraçamento das oppurtunida-  
des — *Quemões*

Guiando um vonde, gimia inquieto maturnâiro:  
— “Ah! Si eu fosse o fiscale aqui dessa miléca...  
“de prazêre, nem sâi... tumaba uma quemoeça...”  
Mas o fiscale ulhando o vurro do dinhâiro

do chefe du iscriptorio:—“Inbéjo-te, parçâiro!  
Se eu fosse como tu, câ farra! Câ panquéca!  
“Comia tanto, que rivintaba a cuéca!”  
Mas o chefe a fitare a pança de bendâiro,

do supirintendente:—“Eu não ser mais maióre!..  
“Não têre o que tu táins! Não têre o teu dinhâiro!”  
E o superintendente a limpáre u suôre:

—“Iscrebo como um vurro! E’ a noute! E’ o dia  
[ intâiro!  
“Entra sol e sâe sol! Não ha coisa piôre!  
“Ah! Cáim déra que eu fôsse um simples  
[ maturnâiro!”



## AS POMVAS

Sunháre! Bibére! Surrire! Tres  
prinomes indicatibos, avisulutos, pri-  
liminares! — *Gil Vicente*

Bae-se a primâira pomva já accurdada.  
Bae-se a sigunda. Bae-se uma tirçâira,  
a quarta, a quinta, emfim, uma infirnâira  
de pomvas, mal que rompe a medrugada.

Cando chega a noitinha sucigada,  
bolta a primâira pomva de carrâira.  
A sigunda, dispois. Desta manâira,  
bolta todo u pumval de camvulhada.

Tamvem, du curaçoão, avutuados,  
os sonhos todos bôam, aprissados,  
cumo a pumvada que u pumval istrôba.

Nu azul da induliscencia vatem aza.  
Mas as pomvas rigréssam para casa,  
e elles, aos curaçoões, bóltam? Uma óba!

## IPITACIO

(Nu tumvalo du Zé Vurnardino)

Illipisoides cintrifugas ha que des-  
intégram cuncumitancias pirniciosas.  
— *Sarmento de Váires*

Murreu u Zé Vurnardino,  
u mais réles dus sujâitos,  
indibido muito átôa!  
Ladrão! Pirata! Assassino!  
Mas tirando esses dufâitos,  
era ixcellenté pissôa!



## U BELHO, U P'TIZ E U VURRO

Ao culléga LAFUNTÊNE

U radicalismo baria na r'ção directa  
das libiandades e na inbérsa du qua-  
drado das lucuvrações. *Malháiro*  
*Dias*

### I

Ia um bélho libando,  
queminho du mircado,  
um p'tiz amuntado  
num vurro qu'ia puxando.

### II

Cumiçaram a faláre:  
—“Mas olhem que vistâira!  
“Parece vrincaadâira!...  
“Estão amvos a mangáre!...

III

“Um bêlho dessa idade,  
“(mirem-se neste espelho!),  
“táim mais nucissidade  
“du que táim u fidelho  
“d’ir nu vurro amuntado!  
“Pacóbio refinado!”

IV

“Salta du vurro avaixo! u bêlho disse,  
“já que diz toda gente  
“que faço uma tollice.  
“Eu monto e tu me lébas! Já p’ra frente!

V

Assim fizeram. Pouco mais adiante,  
um labradôre, ao bê-los, disse: — “E’ antão?  
“Belho pirberso, misero, tretante!  
“Tu não táins curação!  
“Montas nu vurro muito calmamente,  
e u p’tiz, cuitadito, que s’aguenta!”

VI

U bélho, u que é que fez? Não cumbirsou.  
Chimando u labradôre "Laparôto",  
amuntou  
ao lado do garoto.  
— "Bamos a bêre agora, se a quenalha  
"ainda ralha!"

VII

Ularé si ralhou! — Câ dois vurregos!  
"U p'tiz quer palmada e u bélho, um murro!  
"São mâsmo dois lavregos!  
"Querem matare o vurro!  
"U povre do girico bae suando!  
"Arquijando!"

VIII

U proprio vurro ao bélho disse, assim:  
— "Tenha pena de mim!  
"Não sâi, de tão prigado, aonde é qu'istou!"

“Bocê pésa um p'daço, ó meu petricio!  
“Salta e deixa u p'tiz! Assim eu bou!  
“Prestas-me um vinificio!”

IX

U bélho nada disse. Mais á frente,  
(di prupógito a coisa parecia),  
um magóte de gente  
riclamou contra tal silbagiria.

X

— “Ai os meus cullarinhos!  
disse u bélho a rugire. Estou por conta!  
“A gente apeia, a gente monta,  
“e estão sempre a faláre, us safadinhos!...

XI

“Quenalha! Dize logo como gostas!  
“Isso, assim, não táim jâito!

“Achas tu que não bou ainda dirâito?  
“Pois bamos carrigare u vurro ás costas!”

XII

E pigando no vicho pulos pés,  
foram libando o povre du animale!  
Mas logo uns rapazólas, mais de dez,  
disseram para u bélho: — “E’s um vuçale!  
“Unde é que se biu isso? Com iffâito!  
“Incanto u vurro bae muito frisquito,  
“bão bocês fatigados desse jâito...  
“Nós temos pena é desse rapazito!”

XIII

— “Sabes que mais, garoto? o bélho disse,  
“Em darmos attenção a esse pobo,  
“amvos os dois fizemos foi tulice.  
“Bolta de nobo  
“p’ra riva du vurrico!  
“Abia-te! Num istejas a m’ullhare!  
“E si elles cumiçarem a falâre,  
“vico!

“Cada qual a seu jâito a coisa quere?  
“Pois cá bou da manâira que eu quizére!”

XIV

E tal cumo elles, d'antes, binham bindo,  
pulo queminho foram prusiguindo...

MURALIDADE

Si um oitumóbil pussuisse  
o bélho supracitado,  
tucaba para o Mircado;  
ia e bultaba chispado,  
sáim ubire uma tulice.



## U LINHADÔRE I A MORTE

ao culléga LAFUNTÊNE

Cáim quizêre têre uma idéa pur-  
fáita du que sáija o brumelho,  
basta savêre cumo é que não são  
o vranco, o berde, o amarello, e  
todas as coires que pur ahi hai  
— Xecadura Cavrale

### I

Era bilhinho, já, u linhadôre!  
Na fluresta, cuitado, todo dia,  
rachaba lenha e ahi se cunsumia,  
dasdo largas ao pâito suffridôre.

—“Raio de bida, a minha!  
“Jâito num bejo disso se acaváre!  
“Até di noite, desde minhãsinha,  
“é só rachare lenha! E’ só rachare!

“E dispois de rachada a lenha? Sigo  
“p’ra casa, a carrigare um peso vruto!

## CALDO BERDE

---

"Té parece um questigo!  
"Um callo já criâi nu cucuruto!"

"Bida sefada a minha! Que fazêre?  
"Porque não báim a morte me vuscáre?  
"Se eu murrresse, deixaba de bibêre!  
"Era um mâio de tudo se acaváre!"

"Báim, ó Morte, vuscar-me! Faz fabôre!  
"Um bélho já prigado é cáim te pede!  
"Eu sou um desgraçado linhadôre!  
"Quero murrêre! A bida já me féde!"

## II

Assim que u linhadôre, em bóz churósa,  
acavou de dizêre essa vistâira,  
a Morte lhe surgiu, magra, asquirósa,  
valançando a cabâira!

Mal o bilhóte a biu,  
ai câ vruto pabôre elle sentiu...

—“Qui desejas de mim? lhe disse a Morte.

“Chemaste-me. Cá bim.

“Ubi-te, ao longe, a churadaira forte...

“Que queres tu de mim?”

—“Eu... disse o bélho, cási a si mijáre,

“chamei-te, porque... estava intrepalhado...

“é p’ra que tu m’ajudes... a libáre...

“este fâiche de lenha... que é... pisado...”

#### MURALIDADE

E’ u questigo daquelles que se atrebem  
a inbucáre bisões pulas flurestas!  
As pissôas midrosas nunca debem  
se mitterem a vestas!

—“Qui desejas de mim? lhe disse a Morte.

“Chemaste-me. Cá bim.

“Ubi-te, ao longe, a churadâira forte...

“Que queres tu de mim?”

—“Eu... disse o bêlho, cási a si mijáre,

“chamei-te, porque... estava intrepalhado...

“é p’ra que tu m’ajudes... a libáre...

“este fâiche de lenha... que é... pisado...”

#### MURALIDADE

E’ u questigo daquelles que se atrebem  
a inbucáre bisões pulas flurestas!  
As pissôas midrosas nunca debem  
se mitterem a vestas!

## AS DUAS SOMVRAS

Ao cunfrade UL'GARIO MERIANO

Cáim quizére buber o binho de  
uma guerrafa sáim lhe tirare a ro-  
lha, náim quevrare a mesma, é  
mitter-lhe a rolha p'ra dentro. —  
*Julio Dantes*

Nu crusamento silincioso du Distino  
cando habia istrillinha, assim, á véssa,  
uma Somvra bê óitra e assim cuméça:

“Aqui onde me bês, de um vâijo quente  
bim; sou putencia, fôgo, sou calôre!  
Trago em mim um fugão no pâito ardente!  
Châiro a chemusco! Imfim, eu sou o Amôre!  
O mundo intâiro faz-me rapapés.  
Sou cutado na zona!... E tu cáim és?

“D'uma lagrima bim. Sou us rivuliços  
du teu calôre. Passa fóra!  
Bibo dos olhos de cáim táim dirriços,  
para os olhos brumelhos de cáim chóra!



Dizem qu'ando pur cá nesta arr'lia  
para ser vôa... Não me custa nada...  
Sou a Saudade, tua quemarada  
que te dá cafuné, que t'allibia..."

Nu crusamento silincioso du Distino  
as duas Somvras lá se foram, vrazo dado  
tumare um tróço com syphão gilado...

## SUNETO A' MALBINA

Chimaram minha noiba, a Malbina,  
de "negra", e ella ficou pur conta.  
Vistáira! Ella é negra, másmo!

Não lamentos, Malbina, a tua côre!  
Preta táim sido muito vòa gente!  
O Rio de Janâiro, finalmente  
táim preto que é frumado, que é dutôre!

U Himiterio que é grande prufissôre,  
é um preto inbirnisado, saliente!  
Tu, Jusiphina Vaker, rifulgente,  
táins a pél tão ritinta que é um hurrôre!

Na Culónia du Cavo, nu Sudão,  
como nu Congo, a gente greduada  
é preta e preta mais do que crabão!

Gente preta num falta, de talento!  
Não fiques, pois, Malbina, incavulada  
que isso de côre não é ducumento!



## IPITACIO

P'ru riva da cóba da Thareza

Murreste, minha Thareza!  
Bibo chão de tristeza,  
desde que morta te bi!  
Murreste, minha Thareza!  
Murreste! Peiór p'ra ti!



## A CASA DO PATRAO

U suspiro é um áre cumo oítro cal-  
quére.

Sarmento de Vâires.

### I

Cando eu era piqueno, era um m'nino  
libadinho da vréca.  
Travallaba na benda do sô Lino,  
um bilhóte queréca.

### II

Cando, a ricado, á casa delle eu ia,  
na rua Rilação,  
era a mulhére cáim me ricivia...  
Jasus! Câ mulherão!

### III

Cumo ella me tratava vrandamente,  
cum jâito, cum duçura...

Fazia-me assintáre, surridente...  
Daba-me rapadura...

IV

Incanto a guluseima eu mestigaba,  
meu tempo não pirdia.  
Cum olhos fugarentos diburaba  
sua fisulumia...

V

Ella, átão, se chigaba, pruguntando  
se eu tinha nemurada...  
Todo brumelho, sempre mestigando,  
eu daba uma risada...

VI

Dispois... Jasus, náim quero arricurdar-me,  
qu'isso me põe nirboso,  
ubia-se plus ares um istalo!  
Qu'istalo isquendaloso!

VII

Era um chôcho na voeca, birulento,  
qu'eu libaba, istalado!

CALDO BERDE

---

U inquietivrio pirdia, nu mumento...  
Ficaba intrepalhado...

VIII

E oitro chôcho, e mais oitro, e cada chôcho  
que, cando eu binha invóra,  
binha co'o meu piscoço todo rôxo  
pulo queminho a fóra...

IX

Ah tempos vons! Ah tempos rilimvrados  
com inlucinação!  
Cummo eu gustaba de libar ricados  
á casa du patrão!...

## A PRIBARICAÇÃO

Scena drematica riprisintada pula primáira bês nu Triatro D.<sup>a</sup> Amélia, em v'nifício dus hiróis fallicidos na vatalha do Campo d'Ouri-que.

## PIRSUNAGENS

*Conde* . . . . . *Ógusto Rosa*  
*Cundessa* . . . . . *Aura Avranches*

## SCENA UNICA

*U scinario é um selão ricamente muvilhado. Uma porta ao Fundo que serbe p'ra sahire e ao mâsmo tempo p'ra intráre. Aos lados, portas nas mâsmas cundições.*

## CONDE

Cundessa Albina! Oubi! Alguáim me disse, a mim, que bós mal o Varão de Vraga Palmeirim andábeis cummittendo um sieréto adultério! Pirimptório diclaro, eu, qu'isto não é sério!

CUNDESSA (prutistando)

Meu Deus! E' uma quelumnia!

CONDE (funéreo, sumvrio)

Inzijo que me diga  
toda a birdade, já! Dâixemos de quentiga!  
De facto já nutâi que u Varão, mal te nóta,  
tróce logo u vigóde, atribido e jenóta!  
Isto num fica váim, Cundessa! Alguáim já disse!  
Ponha ponto finále em tal sumbirgunhice!

CUNDESSA (ficando p'ru conta)

Vasta, Conde! E' de mais! Não pôsso supportáre  
que estejas desse modo a nus quelumniáre,  
a mim que sou hunesta e fiéle em demasia  
e ao quirido Varão que tanto m'apricia!

CONDE (a vufáre)

“Que t'apricia! Infame! Adultera! Damnada!!...  
Se prusegues assim, eu dou-te uma prigada!

CUNDESSA (churando fâito uma vesta)

Esqueces que és um conde, um homem de nuvrezza,  
e me falas, meu Deus, com tamanha aspreza!!...

CONDE

Essa agora é demais! Pois bocê pribarica  
e não quére, talvez, que eu fique tiririca?!...  
Tamvem é só o que falta! Ora essa!

CUNDESSA (supplicante)

Puráim...

CONDE

Não temos, cá, *puráins*! Não temos *churadâira*!  
Sí a coisa bae assim, pripétro uma *vistâira*!  
Que estás pinsando, então, ispôsa *adulterina*?  
A mancha de um vrazão num sahe com *guezulina*!  
Isto é o que bus affirmo e bus affirmarâi!...

*(U conde cala-se suvitamente. Um varulho intra-  
nho, iscapa-se-lhe da guerganta)*

CUNDESSA (currendo afflicta para u Conde)

Que foi isso?! Que táins?!...!

CONDE

Fui eu, cá, qu'arrutâi!

(Ahi o panno desce)

**EU SOU F'LIZ**  
**(Chrumito)**

Um uvistaculo, uma bez rimubido,  
dáixa immidiatamente d'izistire.  
**João Luso.**

Eu cá sou benturoso!  
A bentura surri-me, fulizmente!  
Meu bibêre é ditoso.  
A bida me dislisa vrandamente...  
Queres savêre pur que tal pruelamo?  
Digo-te, já qu'a causa me rielamas:  
eu t'amo  
e tu m'amas!

## TEU ULHARE . . .

A' Madamazella Thareza, mô ultimo e dirradâiro amôre

### MOTTE

Quando m'olhas desse jâito,  
sinto fogo nas intranhas!

### GLÓZA

Teu ulháre é pinitrante,  
mais parece um furadôre.  
Pâito a dentro, pifurante  
elle m'entra, siductôre!  
E' um ulháre afuguiado  
que me fita sempre a eito.  
Fico todo intrepalhado  
*quando m'olhas desse jâito.*

Um trimómetro, ao subaco,  
intrumetto com rição.  
A agulha, assim que u ataco,  
bae a trinta e nóbe e mão!  
Teu ulháre, mal m'o fitas,  
mal m'o arrigálas, m'assanhas!  
Dão-me cousas insquisitas!  
*Sinto fogo nas intranhas!*



## NOSSOHYMNO

(Pra sêre cantado pela Tuna de Coimbra)

E' masmo uma pena u sol nascêre  
de dia! O dia, de si, já é tão claro!  
—*Adriano Ramos Pinto*

### I

Patria d'hirois, birdadeira,  
turrão du Vucage e du Quemões!  
E biba a Ilha Tirçâira,  
a parir portuguezes balentões.

Terra dos trancos,  
e dos tamancos,  
dos palitos e azâitonas,  
e tamvem das quechópas mucitónas.

Biba o lavrego,  
e o Mundego,  
Tejo e Doiro, lindos a dislisare.

Biba as civolas,  
Mal as crioulas  
de quem não nos podemos xuparare!

### II

Já pela abob'ra cileste,  
(a nóite, por signal, estava escura),  
um valão biu-se a Nürdeste,



e amuntado nél o Xacadura.  
Mas balentões  
hai oitros mais,  
por izemplo: o Quemões,

e o xinhôre Bisconde de Muraes.  
Oh terra qu'rida,  
e da cuzida,  
na fulinha tens as milhores datas!  
Terra do molho,  
e do rupalho,  
terra do vacalhau com vatatas!

III

Terra do Paiba Cuxâiro,  
do jardim d'Urôpa, bella flôre!  
Biba o Guerra Junquâiro!  
Biba o incuraxado Adamastôre!  
Terra de gloria,  
o mais é historia!  
Em ti nunca se fez nada,  
sem primâiro haber muita purrada!  
Cumnosco é lenha,  
E biba a Penha!  
Biba o hiroico pobo pertuguêz!  
E biba o quâijo,  
E o pulsebâijo!  
Biba toda essa jóga de uma bez!

## INDICIO

Prulógo . . . . .	3
Prulógo da sigunda indiçáo . . . . .	7
Suneto crassico . . . . .	9
Crioilas . . . . .	10
As discuvertas portuguezas . . . . .	11
Nu sitóre . . . . .	15
Ubire as istrellas . . . . .	17
U amóre i u vuf'táo . . . . .	18
As tres manas . . . . .	20
U fiéle . . . . .	23
A festa da Pânha . . . . .	28
A cigarra e a frumiga . . . . .	29
U amoire . . . . .	31
Odía a missia Purtugale . . . . .	32
Crioilas mortas . . . . .	35
Diclaraçáo d'amore . . . . .	36
U melro . . . . .	38
Cáim ama mais . . . . .	42
Illusões da bída . . . . .	43
Bisita á casa du mô pae . . . . .	44
Sonho orientale . . . . .	45
A rã que qu'ria birar voi . . . . .	48
M'ninas! . . . M'ninas! . . . . .	50
A bingança da porta . . . . .	52
Uma inzigência . . . . .	53
Flóra i Zéfa . . . . .	57

Teu lenço . . . . .	58
Cinemas . . . . .	59
Meus oit'annos . . . . .	60
Meus pulsubáijos . . . . .	63
Suneto nuphilivatico . . . . .	64
U dufáito da Graviella . . . . .	65
A queiridade i a justicia . . . . .	66
A douda d'Alvano . . . . .	69
Mal sicréto . . . . .	73
A casa du curaçãõ . . . . .	74
Ah maminha gentil . . . . .	75
U parto da muntanha . . . . .	76
Cháiro de subaco . . . . .	78
A casa du Furráira . . . . .	79
Circuito biciado . . . . .	81
As pomvas . . . . .	82
Ipitacio . . . . .	83
U belho, u p'tiz i u vurro . . . . .	84
U linhadôre i a morte . . . . .	90
As duas somvras . . . . .	93
Ipitacio . . . . .	96
Suneto á Malbina . . . . .	95
A casa do patrão . . . . .	97
A pribaricação . . . . .	100
Eu sou f'liz . . . . .	103
Teu ulháre . . . . .	104
Nósschymno . . . . .	105

**GRAPHICA YPIRANGA**  
**Rua do Senado, 8**  
**Rio de Janeiro**



80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100